

Universidade Federal de Santa Maria
Pró-Reitoria de Graduação
Centro de Educação
Curso de Graduação a Distância de Educação Especial

METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA II

5º Semestre

1ª Edição, 2005



Secretaria de
Educação Especial

Secretaria de
Educação a Distância

Ministério
da Educação



Elaboração do Conteúdo

Profª. Ana Cláudia Pavão Siluk

Profª. Jane Dalla Corte Monari

Professoras Pesquisadoras (Conteudistas)

Marta Azzolin

Acadêmica Colaboradora

Desenvolvimento das Normas de Redação

Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk

Profa. Luciana Pellin Mielniczuk

(Curso de Comunicação Social | Jornalismo)

Coordenação

Profa. Maria Medianeira Padoin

Professora Pesquisadora Colaboradora

Danúbia Matos

Iuri Lammel Marques

Acadêmicos Colaboradores

Revisão Pedagógica e de Estilo

Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk

Profa. Cleidi Lovatto Pires

Profa. Eliana da Costa Pereira de Menezes

Profa. Eunice Maria Mussoi

Comissão

Revisão Textual

(Curso de Letras | Português)

Profa. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Coordenação

Marta Azzolin

Acadêmica Colaboradora

Direitos Autorais

(Direitos Autorais | Núcleo de Inovação e de Transferência Tecnológica | UFSM)

Projeto de Ilustração

(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. André Krusser Dalmazzo

Coordenação

Paulo César Cipolatt de Oliveira

Técnico

Fotografia da Capa

Fotografias retiradas do

Banco de Imagens STOCK.XCHNG

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção Gráfica

(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. Volnei Antonio Matté

Coordenação

Clarissa Felkl Prevedello

Técnica

Bruna Lora

Borin da Silva

Acadêmicos Colaboradores

Impressão

Gráfica e Editora Pallotti

* o texto produzido é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

S585m Siluk, Ana Cláudia Pavão

Metodologia do ensino da língua portuguesa II : 5º semestre / [elaboração do conteúdo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk, profa. Jane Dalla Corte Monari, Marta Azzolin ; revisão pedagógica e de estilo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.]]- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005. 48 p. : il. ; 30 cm.

1. Língua portuguesa 2. Ensino 3. Lingüísticat 4. Texto 5. Produção textual 6. Leitura I. Monari, Jane Dalla Corte II. Azzolin, Marta III. Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Educação. Curso de Graduação a Distância de Educação Especial. IV. Título.

CDU: 806.90:37

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Ministro da Educação

Prof. Ronaldo Mota

Secretário de Educação a Distância

Profa. Cláudia Pereira Dutra

Secretária de Educação Especial

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Paulo Jorge Sarkis

Reitor

Prof. Clóvis Silva Lima

Vice-Reitor

Prof. Roberto da Luz Júnior

Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Hugo Tubal Schmitz Braibante

Pró-Reitor de Graduação

Profa. Maria Medianeira Padoin

Coordenadora de Planejamento Acadêmico e de Educação a Distância

Prof. Alberi Vargas

Pró-Reitor de Administração

Sr. Sérgio Limberger

Diretor do CPD

Profa. Maria Alcione Munhoz

Diretora do Centro de Educação

Prof. João Manoel Espinã Rossés

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Humanas

Prof. Edemur Casanova

Diretor do Centro de Artes e Letras

Coordenação da Graduação a Distância em Educação Especial

Prof. José Luiz Padilha Damilano

Coordenador Geral

Profa. Vera Lúcia Marostega

Coordenadora Pedagógica e de Oferta

Profa. Andréa Tonini

Coordenadora dos Pólos e Tutoria

Profa. Vera Lúcia Marostega

Coordenadora da Produção do Material do Curso

Coordenação Acadêmica do Projeto de Produção do Material Didático - Edital MEC/SEED 001/2004

Profa. Maria Medianeira Padoin

Coordenadora

Odone Denardin

Coordenador/Gestor Financeiro do Projeto

Lígia Motta Reis

Assessora Técnica

Genivaldo Gonçalves Pinto

Apoio Técnico

Prof. Luiz Antônio dos Santos Neto

Coordenador da Equipe Multidisciplinar de Apoio

Sumário

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	05
-----------------------------------	----

UNIDADE A

A PRÁTICA DE LEITURA DE TEXTOS: POSTURAS FRENTE AO TEXTO	07
---	----

1. Posturas frente ao texto	09
-----------------------------	----

UNIDADE B

A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS: TIPOLOGIA TEXTUAL	13
---	----

1. Texto literário	15
--------------------	----

2. Texto jornalístico	17
-----------------------	----

3. Texto de informação científica	19
-----------------------------------	----

4. Texto instrucional	22
-----------------------	----

5. Textos epistolares	24
-----------------------	----

6. Texto humorístico	25
----------------------	----

7. Texto publicitário	27
-----------------------	----

UNIDADE C

A PRÁTICA DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA	29
---	----

1. A estrutura do texto	31
-------------------------	----

2. Morfo-sintaxe	37
------------------	----

3. Fonética e Fonologia	44
-------------------------	----

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas	47
----------------------------	----

Apresentação da Disciplina

METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA II

5º Semestre

A disciplina de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa II dá continuidade aos estudos realizados no semestre passado. Porém, de modo mais dinâmico, pois propõe um trabalho mais voltado ao estudo do texto e suas implicações na sala de aula. Traz, em um primeiro momento, as práticas de leitura que revelam as intenções do leitor e determinam sua postura diante do texto escolhido. Em seguida, apresenta, além da prática de leitura propriamente dita, a produção textual, caracterizando os diversos tipos de texto que podem ser produzidos e, por fim, aborda a prática da análise lingüística.

Compreendemos que é função da escola ensinar seus alunos a realizar uma leitura crítica, em que eles sejam capazes de atribuir sentido ao que lêem, distinguir contextos, funções, estilos, intenções, argumentos, pontos de vista etc., para que se tornem leitores mais competentes nas diferentes situações comunicativas, capazes de compreender o mundo ao seu redor e agir de maneira crítica e reflexiva.

Assim, para construir essas competências é preciso perseguir os aspectos que dão sentido à presença dos alunos na escola e ao seu aprendizado. Pois, à medida que se vive em um meio sobre o qual se pode agir, discutir, decidir, realizar, avaliar junto com os outros, que são criadas as condições mais favoráveis ao aprendizado.

Esta disciplina será desenvolvida com uma carga horária de quarenta e cinco (45) horas/aula.

Entenda os nossos ícones!



Alerta

Alerta o leitor sobre algum assunto que está sendo tratado no momento.



Saiba Mais - Recomendação

Indica fontes externas e outras leituras, como livros, sítios na internet, artigos, outros itens da própria apostila, etc.



Conteúdos Relacionados

Sugere ao aluno conhecer um ou mais conteúdos específicos para melhor entendimento do conteúdo atual.



Atividades

As atividades dizem respeito aos exercícios abordados no tópico anterior, podem ser analógicas ou digitais.

UNIDADE

A

A PRÁTICA DE LEITURA DE TEXTOS: POSTURAS FRENTE AO TEXTO

Objetivos da Unidade

- analisar criticamente a prática de leitura de textos nas séries iniciais do ensino fundamental;
- reconhecer as diferentes posturas do leitor frente ao texto.

Introdução

Sabendo que o professor precisa fazer com que a vida em sala de aula proporcione aos alunos situações de leitura simultaneamente efetivas e muito diversificadas, ajudando-os a interrogar o escrito, procurando sentido, levantando hipóteses a partir de indícios e verificando-as; sabendo também que o professor precisa ajudar os alunos a elucidar suas próprias estratégias de leitura, atribuindo uma função social ao ato de ler e escrever, ou seja, contextualizando essas atividades de forma que os alunos encontrem um motivo real e significativo para realizá-las, é que propomos essa unidade de estudo. Nela, o aluno vai compreender o que leva o leitor a buscar um texto e como se posiciona diante dele para que, em seguida, o professor possa compreender e atuar como mediador dentro da sala de aula.

Em um trabalho com a leitura e a escrita é preciso levar em conta alguns pressupostos básicos para desenvolver esses atos de forma competente. Para isso, nenhuma tarefa deve ser iniciada sem que se encontrem motivos para ela, ou seja, sem que esteja claro o seu sentido. O aluno tem de saber o que deve fazer, isto é, conhecer os objetivos que se pretende alcançar com sua atuação.

Os objetivos dos leitores/escritores em relação aos textos podem ser variados e estão relacionados com a diversidade de textos a que tiverem acesso. A escolha feita pelos alunos parte, em um primeiro momento, de uma resposta a uma necessidade pessoal. De acordo com o seu objetivo é que serão lidos ou escritos os textos.

Para desenvolver essas competências, um

trabalho de leitura e escrita envolve um contato com uma grande diversidade de gêneros, o ensino de estratégias de compreensão leitora e práticas de planejamento e revisão textual. Dessa maneira, estaremos formando leitores e escritores mais autônomos e competentes, capazes de aprender a partir de textos, não importando seu gênero, estrutura ou grau de dificuldade, comunicando-se de maneira mais eficaz.

Porém, essa visão que hoje temos da prática de leitura é bastante recente. Até então, havia o ensino tradicional da língua materna, que pode ser caracterizado por seu feitiço predominantemente normativo e conceitual. Dizia respeito a um tratamento privilegiado da forma que se faz visível na atenção especial dedicada à ortografia, à produção e à sintaxe.

Na década de 70 e sobretudo a partir dos anos 80, a hegemonia dessa concepção formalista passou a ser contestada com o surgimento de teorias inspiradas no sociointeracionismo, na teoria da enunciação e do discurso e na lingüística do texto.

Segundo essas teorias, a prática lingüística seria uma forma de interação de sujeitos, e o texto, o resultado dessa interação. Assim, além das formas lingüísticas, passam a ser estudadas, com interesse crescente, as relações entre essas formas e seu contexto de uso, suas condições de produção e o processo mental de todos esses elementos pelos sujeitos falantes. Desse modo, o ensino da linguagem - antes conceitual e normativo - passa a ser centrado no uso e no funcionamento da língua enquanto sistema simbólico, situado em um contexto sóciohistórico determinado.



Revise no caderno de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa I para recordar essas teorias.

1 Posturas frente ao texto

Quando se propõe a uma prática de leitura, o leitor estabelece uma relação com o texto posicionando-se de acordo com o propósito que o levou a essa prática. Segundo Geraldi (1999), cada uma dessas possíveis posturas diante do texto pode-se denominar:

1. Busca de informação;
2. Estudo do texto;
3. Texto-pretexto;
4. Fruição do texto.

1.1

Busca de informação

Nessa prática, o leitor tem o objetivo de recolher do texto - de jornais, revistas, livros científicos e até mesmo literários - uma informação que venha suprir sua necessidade. Lê-se para buscar informação, para investigar, para descobrir o avesso do que transparece.



Figura A.1: A busca por informação

Ele pode ter um roteiro previamente elaborado ou não. Isso quer dizer que, de acordo com Geraldi (1999), o texto é lido para responder perguntas estabelecidas previamente, ou apenas para verificar quais informações estão contidas nele. Segundo o autor, ainda é possível constatar mais duas funções desse modo de leitura, isto é, extrair informações superficiais ou de níveis mais profundos do texto. Um aprofundamento corresponde a arrolar elementos que não dependem apenas da leitura, mas da relação que o leitor estabelece com outros textos e com seu conhecimento de mundo.

1.2

Estudo do texto

Trata-se de uma prática muito comum e, de acordo com Geraldi (1999), a mais utilizada em sala de aula. Faz com que o leitor posicione-se como um pesquisador que explora e identifica o ponto de vista, a tese defendida, os argumentos apresentados em favor dessa tese, os contra-argumentos, e a coerência entre eles. Vale lembrar que a prática de leitura *estudo do texto* não se aplica apenas a textos dissertativos, mas também a narrativas quando se faz análise de personagem, espaço, tempo, etc. Trata-se de um estudo detalhado e o leitor decidirá o nível a que pretende chegar, sabendo que pode assumir uma postura crítica e criativa na sua função de receptor/leitor do discurso. Lê-se para discordar e contra-argumentar.

Você Sabia?

A fim de complementar seus estudos recomendamos a leitura do texto de Livia Suassuna: "A leitura extraclasse: necessidade e possibilidades", disponível no endereço: <http://www.proext.ufpe.br/cadernos/educacao/leitura.htm>



Figura A.2: O estudo do texto

1.3

Texto-pretexto

O texto-pretexto é aquele que é usado como pretexto para uma outra atividade. Isso significa dizer que o professor - ou o próprio aluno - pode utilizar um texto apresentado como um motivo para desencadear um outro exercício. Escrever uma carta, por exemplo, a fim de desenvolver o processo argumentativo, ou fazer uma dramatização de um texto estudado em aula, uma ilustração, produção de outros textos, enfim, uma multiplicidade de novas atividades que podem ser criadas a partir de um texto-chave.

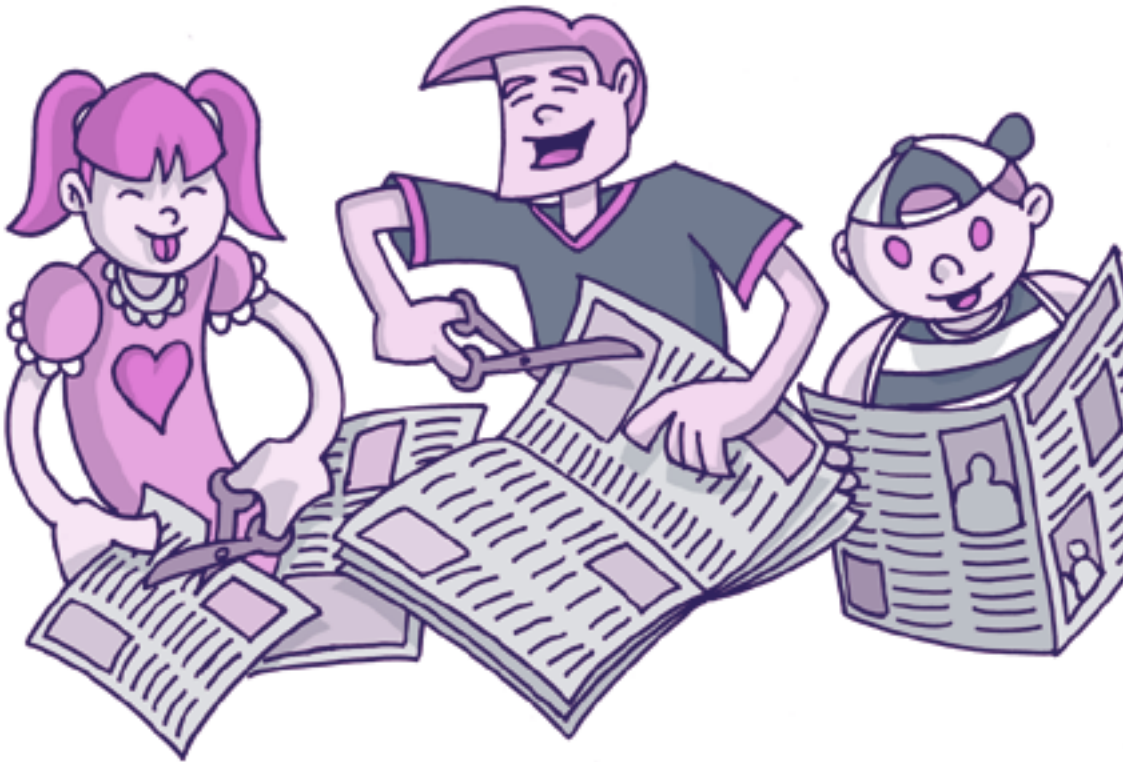


Figura A.3: O texto como pretexto de outra atividade

1.4

Fruição do texto

Essa prática de leitura, de acordo com Geraldi (1999, p. 98), é a menos comum no âmbito escolar. Trata-se do "ler por ler, gratuitamente." Segundo ele, "o que define esse tipo de interlocução é o "desinteresse pelo controle do resultado." Significa ler por prazer, simplesmente pelo gosto da leitura, sem cobranças e sem pressões. Diz ainda, que é necessário "recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio - o prazer." Trata o texto como "o ponto básico

para o sucesso de qualquer esforço honesto de "incentivo à leitura."

Na fruição do texto, o leitor lê por paixão, por sede, por prazer, por necessidade pessoal e intelectual, por deleite, para dialogar a distância com aquele que respondeu antecipadamente às suas interrogações, inquietações e dúvidas, para reafirmar propósitos e crenças ou, ainda, para guardar esperanças, para rir, para emocionar-se, para tranquilizar-se, para encontrar afinidade com o desejo do outro, para chamar o sono e atrair belos sonhos, para passar o tempo e relaxar os nervos, dentre outras coisas.

Você Sabia?

É importante lembrar que há diversas formas de acessibilidade para a leitura que são oferecidas aos alunos com necessidades educacionais especiais. Para lembrar, reveja o Livro Didático da disciplina de Informática na Educação.



Leia o capítulo: "Políticas de leitura acessível", o qual aborda a questão da acessibilidade do livro e os formatos disponíveis para atender às necessidades de pessoas cegas e de baixa visão. Este capítulo faz parte da obra publicada em 2006, pela Fundação Biblioteca Nacional, intitulada "Linhas de ação para a política nacional do livro". Disponível em: http://www.vivaleitura.com.br/pnll/images/diretrizes_v5.pdf



Figura A.4: O prazer pela leitura



Atividade Final

A partir do estudo dos quatro tipos de posturas frente ao texto, elabore uma atividade que valorize as posturas apresentadas e que considere a realidade dos alunos com necessidades educacionais especiais. Disponibilize sua produção no ambiente virtual, de acordo com orientações do professor da disciplina.

UNIDADE

B

A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS: TIPOLOGIA TEXTUAL

Objetivos da Unidade

Ao fim dessa unidade esperamos que o aluno seja capaz de:

- reconhecer a diversidade da produção textual;
- produzir textos de acordo com a tipologia esperada.

Introdução

Tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem tem preconizado a leitura de textos que estejam diretamente ligados ao nível pragmático do aluno, a fim de que seja melhor aproveitada a aprendizagem, faz-se necessário que compreendamos os diferentes tipos de

texto conhecidos e que podem ser trabalhados em sala de aula, para estimular e melhorar a qualidade do ensino.

Assim, esta unidade apresenta o texto literário, jornalístico, científico, instrucional, epistolares, humorístico e publicitário.

1 Texto literário

A produção literária de texto preconiza o sentido estético, plurissignificativo e de intenso dinamismo do texto, possibilitando a criação de novas relações de sentido. Tem como base o predomínio da função poética da linguagem. A produção de um texto literário implica a valorização da forma, a reflexão sobre o real, a reconstrução da linguagem, a plurissignificação - que procura não deixar nada explícito para que o leitor participe da construção do sentido - e a intangibilidade da organização lingüística, muitas vezes transgredindo as regras a fim de dar vazão à imaginação e fantasia do autor. Isso nada mais é do que um cuidado especial com a forma, visando a exploração de recursos que o sistema lingüístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfo-sintático e semântico.



Atividade - B.1

Pesquise o significado da expressão em destaque que se encontra na seguinte frase: " visando a exploração de recursos que o sistema lingüístico oferece, nos **planos fônico, prosódico, léxico, morfo-sintático e semântico**.

Aguarde orientações do professor da disciplina para disponibilizar o material no ambiente virtual.

Pode-se destacar o conto, a novela, a obra teatral e o poema. O primeiro é uma narrativa curta que possui ações centrais e periféricas,

contribuindo para o entrelaçamento da trama e estabelecendo entre essas ações uma relação de causa. No conto, as descrições são mais limitadas, já que se trata de uma narrativa curta.

A novela, de modo semelhante ao conto, é um texto literário, porém tem um número maior de complicações, pode ser mais extensa e pode ter maior número de descrições que enriquecem a construção dos personagens. Aqui as ações secundárias podem se sobressair e alcançar lugar de destaque de modo que possam também ser convertidas em novas narrativas.

A obra teatral é produzida para ser representada e é em cena que ela atinge o seu propósito. Constitui-se de diálogos ou não, pois podem ser utilizados monólogos.

Para o ensino e aprendizado de Língua Portuguesa, os textos literários são materiais muito ricos, pois não se limitam a aspectos estruturais da língua. Tais textos também difundem a cultura de um povo, favorecem o desenvolvimento de uma visão crítica nos alunos devido a elementos característicos da literatura, como a subjetividade e a ambigüidade, que estimulam discussões e permitem diversas interpretações para o texto. Portanto, são fundamentais por proporcionarem uma gama de alternativas de trabalho ao professor e despertarem o interesse dos alunos pela cultura, enquanto desenvolvem naturalmente a compreensão leitora, a produção oral e escrita.

É importante ressaltar que um texto não se resume à soma das palavras que o compõem.

Deve-se valorizar a tipologia de cada texto e suas especificidades, as experiências pessoais dos alunos e seus conhecimentos de mundo associados a sua bagagem lingüística - como léxico, regras gramaticais, particularidades

discursivas - para que as idéias do texto sejam compreendidas pelos aprendizes. A leitura, portanto, constitui-se de um processo interativo entre o autor, o mundo e o aluno.

2 Texto jornalístico

Nos textos jornalísticos, predomina a função informativa da linguagem, ou seja, eles abordam os fatos atuais mais relevantes. Tratam dos mais variados temas em diferentes partes do mundo e, porque têm caráter de relatar a atualidade, possuem uma vida efêmera, duram o tempo da informação, naquela data. Podem ser reunidos em diferentes grupos que trazem notícias nacionais, internacionais, locais, sociais, econômicas, culturais, esportivas, bem como espetáculos e entretenimento.

As seções mais comuns aos textos jornalísticos são:

- as notícias -

São, segundo Kaufman e Rodrigues (1995, p.26) "unidades informativas completas", pois contêm os dados necessários para que o leitor compreenda a informação. Isso quer dizer que você não precisa ler outro texto para compreender uma notícia; ela traz a informação pronta e completa a fim de inteirar o leitor do ocorrido. Muitas vezes, uma notícia inicia do mais geral e vai para o mais específico, isso se pode chamar de técnica da "pirâmide invertida". A notícia pode ser dividida em três partes facilmente identificáveis: o título - que sintetiza o tema central e procura atrair o leitor - a introdução - bem sucinta - e o desenvolvimento. Uma notícia é redigida em terceira pessoa e o redator precisa manter-se à margem daquilo que escreve a fim de que não venha influenciar o leitor. Além de ser objetiva, a notícia deve ser centrada na veracidade dos fatos. Caso o jornalista não consiga comprovar aquilo que

escreve, pode utilizar-se de expressões que manifestem sua incerteza, como: parece, não está descartado que. É bom que a notícia responda as seguintes perguntas: Quê? Quem? Como? Quando? Por quê e Para quem?

- os artigos de opinião -

Diferente da notícia, um artigo de opinião busca argumentar, expor uma idéia acerca de um fato. Para isso, vale-se de comentários, avaliações, muitas vezes de acusações claras, ironias, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade. Trata-se da posição ideológica do autor, que o leitor não pode deixar de compreender, a fim de que se tenha uma boa interpretação daquilo que o emissor pretende comunicar.

- reportagem -

A reportagem está inserida no texto jornalístico e procura informar sobre determinado tema baseando-se no testemunho de uma figura-chave. Inicia com uma breve apresentação dessa figura e, com perguntas breves e concisas, passa-se a divulgar o ponto de vista do entrevistado.

- entrevista -

Aborda um tema atual, já que se trata de um texto jornalístico, e, diferente da reportagem, não se limita a um jogo de pergunta/resposta breves dentro de uma trama conversacional, mas permite comentários e descrições sobre o entrevistado, podendo ser feita transcrição de apenas algumas partes do diálogo.

Você Sabia?

Para revisar esse conteúdo, você pode pesquisar no Livro didático da disciplina Produção midiática para a educação, do primeiro semestre.



Figura B.1: O texto jornalístico

3 Texto de informação científica

O texto de informação científica possui algumas características peculiares, pois existem alguns princípios que são indispensáveis à redação científica. Eles podem ser resumidos em quatro pontos fundamentais: clareza, precisão, comunicabilidade e consistência. Um texto é claro quando não deixa margem a interpretações diferentes daquela que o autor quer comunicar e quando vai ao ponto sem rodeios. Uma linguagem muito rebuscada que utiliza termos desnecessários desvia a atenção de quem lê e pode confundir trazendo ambigüidade. Nos vocábulos utilizados em textos de informação científica, em geral não se pode ver multiplicidade de significado e, quando isso acontece, são atribuídas definições para especificar o que se quer dizer.

Como exemplos de textos de informação científica tem-se a definição, a nota enciclopédica, o relato de experimentos e a monografia.

A *definição* expande o significado de um termo, determina de forma clara e precisa as características gerais ou que diferenciam o objeto/termo a que se refere. É o caso das definições incluídas nos dicionários, que apresentam os traços essenciais para estabelecer diferença entre um termo e outro, ou entre o mesmo termo em diferentes situações.

Exemplo: **jornal** - definição: do Lat. *Diurnale* s. m., salário; paga de cada dia de trabalho; jorna; relação quotidiana dos acontecimentos; publicação periódica que relata acontecimentos considerados dignos e evidência e divulgação, em um ou diversos domínios; gazeta diária

A *nota enciclopédica* diferencia-se da definição porque é mais ampla e mais expansiva, trazendo comentários, descrições, temas derivados. Procura, não apenas definir, mas também informar de forma concisa e precisa, preconizando, desse modo, o caráter do discurso científico.

Ainda falando do texto de informação científica, é possível trazer como exemplo o *relato de experimentos*. Esse tipo de texto é elaborado, como o próprio nome já diz, para descrever uma experiência. Em um primeiro momento, o autor tem uma dúvida acerca de algo. Cria então condições para simular a situação que pretende estudar e, através da observação, extrai suas conclusões, as quais serão relatadas detalhadamente na forma de texto científico.

Para finalizar os exemplos, será apontada a *monografia*, tipo de texto de informação científica que privilegia a análise e a crítica. A monografia exige uma seleção rigorosa e uma organização coerente dos dados que são escolhidos pelo autor em diferentes fontes. Segundo Kaufman e Rodrigues (1995, p.32), é necessário que seja determinado o tema no primeiro parágrafo para que o leitor possa contribuir com seus conhecimentos prévios e antecipar as informações que espera encontrar, formulando hipóteses e criando expectativas que guiarão sua leitura. Após a escolha do tema, o autor irá buscar fontes que tratem do mesmo assunto, selecionará aquelas que melhor lhe parecerem e fará resumos dessas obras, os quais servirão de fundamento para sua análise ou

crítica. Ele tem de tomar o cuidado de citar as fontes nas Referências Bibliográficas, seguindo as normas para a apresentação da bibliografia. Para tecer o texto da monografia, o autor precisa utilizar a intertextualidade, que consiste em incorporar textos de outros autores naquele que se está produzindo. Isso pode ser feito através do discurso direto ou indireto.

Discurso direto

É aquele que é incorporado ao texto sem modificação alguma, por exemplo, *Manuel Bonfim diz: "De modo geral, os defeitos da linguagem só se corrigem na reforma do pensamento."* Não se pode esquecer de que

em um discurso direto os dois pontos indicam onde iniciam as palavras do autor e as aspas confirmam esse início e indicam o final, portanto, é necessário seu uso.

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, também se relata o que o outro disse, porém em vez de escrever tal e qual, usando aspas e dois pontos, ajusta-se a citação ao corpo do texto utilizando conectores. Então, a mesma citação utilizada no discurso direto anteriormente fica dessa forma quando utilizamos o indireto: *Manuel Bonfim disse que, de modo geral, os defeitos da linguagem só se corrigem na reforma do pensamento.*



Figura B.2: Tipos de discurso

A monografia ainda pode simplesmente apresentar diferentes pontos de vista sobre um assunto, de acordo com o critério estabelecido pelo autor e nesse caso são comuns os verbos dizer, expressar, declarar, afirmar, opinar, etc., já que se vai trabalhar com intertexto. Pode também, conforme Kaufman e Rodrigues

(1995, p.33), "justificar uma opinião ou validar uma hipótese" e, então, é necessário que as fontes sejam confiáveis e que haja consistência e coerência entre os argumentos, os fatos e a conclusão.

A biografia

Trata-se da narração da vida de alguém feita por outra(s) pessoa(s) e chama-se de *autobiografia*, quando o autor conta sua própria vida. Na biografia, os dados são ordenados cronologicamente e é necessário que estejam presentes os recursos lingüísticos que asseguram a conectividade temporal, por exemplo o uso de *depois*, *primeiro*, *em seguida*, etc. e proposições temporais, ou seja, orações subordinadas adverbiais temporais, como: Quando você foi embora, fiquei muito triste.

Relato histórico

É uma narração de fatos que aconteceram no passado, primando pela linguagem objetiva e fazendo com que os fatos falem por si a fim de dar o efeito de realidade ao relato. Nesse tipo de texto, os conteúdos podem ser confrontados com outras fontes para comprovar a veracidade do que o autor apresenta. No relato histórico, o narrador é que seleciona os fatos que vai narrar e assim sua marca fica na narrativa, por mais impessoal que pretenda ser.

4 Texto instrucional

Os textos instrucionais são aqueles que nos dão instruções, passo a passo, para a realização de alguma atividade, por exemplo, a montagem de algum objeto, a execução de um jogo, uma receita, etc. Ainda se enquadram aqui os regulamentos, estatutos, contratos, instruções. Por isso, por indicar pistas ao leitor, todos, independente de sua complexidade, compartilham da função apelativa que é centrada no receptor.

Ex.: Como fazer vela com gelo

Passo a passo:

1. Separe o material necessário:

- 1 quilo de parafina em lentilha (já tem a estearina);
- 1 vela piloto 7 dias (é para fixar melhor, dependendo da fôrma, serve vela normal, desde que seja da mesma cor da parafina);
- Vaselina líquida;
- Cubos de gelo (no formato que desejar, pode ser gelo picado);
- Fôrma para vela de 10 ou 15 cm (o importante é que caiba a vela dentro e seja fechada no fundo);
- Corantes na cor da vela de 7 dias (Caso não queira tingir, escolha uma vela de 7 dias branca);
- Panela esmaltada;
- Essência (se quiser);

2. Na panela esmaltada, derreta a parafina em fogo baixo. Coloque o corante (se a vela não for branca), algumas gotas de essência e reserve. Para saber se a cor está de acordo com a vela de 7 dias, após colocar o corante pingue

a parafina num lugar frio e compare a cor.

3. Unte a fôrma com a vaselina para a parafina não grudar. Coloque a vela no meio. Se a vela for maior do que a fôrma, com uma faca corte as laterais com cuidado de não cortar o pavio junto. É importante que a vela seja menor que a fôrma.

4. Preencha os espaços restantes com o gelo.

5. Pegue a parafina quente e ponha na fôrma. Deixe por alguns minutos até o gelo derreter.

6. Depois disso, desenforme em cima de uma bacia com água.

Atenção: cuidado com a parafina, sempre a derreta em fogo baixo e fique em ambiente ventilado. Se começar a fazer fumaça, desligue o fogo, pois quer dizer que ela está quente demais.

Fonte: Revista Boa Idéia, nº 452, 2005.

Como você pode perceber, o texto instrucional dá orientações precisas para a produção da vela com gelo. Observe que a receita é dividida em dois momentos. No primeiro, há uma lista dos elementos que serão utilizados na produção da vela e no outro são desenvolvidas as instruções para a realização de certas ações (corte as laterais com cuidado de não cortar o pavio junto). O texto dialoga diretamente com o leitor, indicando as direções ideais de suas ações a fim de obter o melhor resultado.

A presença de verbos no imperativo (derreta, ponha, unte, coloque, corte, preencha, pegue,

deixe, desenforme, compare, pingue) e uma chamada de atenção, ratificam a função apelativa da linguagem, demonstrada na preocupação do autor com o receptor. Assim,

desde o mais complexo manual de instruções até as dicas de montagem de um simples brinquedo encontram-se classificados nesse tipo de texto.



Figura B.3: O texto como instrução

5 Textos epistolares

São textos que procuram estabelecer relações por escrito com alguém que está ausente, trata-se dos textos em forma de epístolas (cartas). Aquele que envia denomina-se REMETENTE e o que recebe DESTINATÁRIO. O destinatário pode ser um amigo, parente, o gerente de uma empresa, o diretor de uma escola, um conselho editorial, etc. Os textos epistolares têm uma estrutura específica, apresentando *cabeçalho*, no qual encontra-se o local e a data da produção do texto, os dados do destinatário e a forma de tratamento utilizada para estabelecer o contato. Em seguida, tem-se o corpo da mensagem, encerrando com a despedida do remetente. É bom lembrar que é o grau de familiaridade no relacionamento entre emissor e receptor que designa a forma de tratamento empregada em um texto epistolar (formal ou informal). Pode-se destacar a carta e a

solicitação.

A carta é uma forma de relatar não apenas fatos noticiosos, mas também sentimentais. Pode ser narrativa ou argumentativa e, através dela, o emissor pretende informar, falar de si ou inquirir informações do receptor, estabelecendo vínculos e/ou relacionamentos (cartas amistosas nas quais há cumplicidade entre ambas as partes num estilo mais informal e linguagem mais subjetiva).

A solicitação é direcionada a um receptor que, nessa situação comunicativa, está representando uma autoridade e possui algo de valor para o emissor - um emprego, por exemplo. Aqui é utilizado o estilo mais formal com fórmulas de cortesia que são padrão para esse tipo de situação. Podem ser redigidas em primeira ou terceira pessoa.

Você Sabia?

Para saber mais sobre como escrever cartas formais, indicamos a seguinte bibliografia:

KASPARY, A. J.

Redação oficial:

normas e modelos. 14. ed. Porto Alegre : Edita, 1998.

MARTINS, E. **Manual**

de redação e estilo. 3.

ed. ver. e ampl. São

Paulo : O Estado de

São Paulo, 1997.

MEDEIROS, J. B.

Correspondência:

técnicas de

comunicação criativa.

12. ed. São Paulo :

Atlas, 1997

6 Texto humorístico

Sua função principal é provocar o riso através de recursos que deformem personagens ou alterem a ordem natural dos acontecimentos, pois sintetizam, com bastante frequência, uma visão dos problemas sociais ou pessoais e podem ser de mais fácil compreensão por interlocutores menos inteirados das situações que esses textos representam.

Caracterizam-se pela economia narrativa, com frases muito curtas, ambigüidade, poucos personagens, construídos com poucos traços, muitas vezes exagerados. Recorrem à linguagem verbal e não-verbal e a símbolos icônicos para expressar sensações, ações e emoções.

De acordo com Kaufman e Rodrigues (1995, p.39), entre os textos humorísticos, podem-se destacar as histórias em quadrinhos cômicas e as historietas de humor. Na composição dos personagens e na construção das histórias, o autor parte do jogo interacional entre os personagens para produzir o humor e denunciar ou criticar atuações ou comportamentos de elementos da sociedade. Dessa forma, e construindo uma relação entre o esperado e o não-esperado em termos de modelo social no jogo interativo entre os personagens, o autor de tiras de quadrinhos proporciona a quebra na expectativa, que gera a graça e leva à crítica que pretende alcançar. Pode-se perceber então que é o desvio, lingüístico ou visual, que quebra as expectativas de leitura, conferindo ao texto o seu caráter humorístico.

Um dos mais conhecidos textos humorísticos são as piadas. Geralmente, elas versam sobre temas socialmente controversos, onde é possível constatar manifestações culturais e ideológicas. A maioria delas veiculam o discurso dominante e são sobre: sexo, política, racismo, loucura, morte, instituições (escola, casamento, igreja, línguas, etc). Alguns teóricos afirmam que o papel do lingüista é explicar, não o porquê do humor, mas como acontece o humor, ou seja, os lingüistas trabalham onde os outros se divertem, analisando e descrevendo os fenômenos lingüísticos, envolvidos no processo de criação e interpretação do texto que provoca o riso.

Assim, é importante que o professor trabalhe também com esse gênero em sala de aula, como uma das possibilidades de estudar a variação lingüística, que é um fenômeno apaixonante, rico e, sobretudo, rendoso no que diz respeito a dados lingüísticos. Com a variação podemos detectar problemas ligados ao preconceito e à discriminação, facilmente observáveis através da pronúncia, do léxico, e da construção sintática, principalmente. A dialetologia mostra que esses fenômenos podem ocorrer no nível espacial (Variação Geográfica), mostrando as diferentes classes sociais (Variação Social), trabalhando com faixas de idades diferentes (Variação de Idade), estabelecendo diferenças entre a fala da mulher e do homem (Variação de Sexo), entre outras tantas.



Figura B.4: O texto humorístico

A pronúncia diferente - Nível Fonológico - entre o urbano e o caipira (variação geográfica e/ou social) estabelece o "gatilho" da piada: interpretar palavras de formas diferenciadas. Logo, "firme" não é o que poderia parecer óbvio (legal), mas uma variante de "filme", existente na fala dos caipiras, ou de pessoas sem escolaridade. No caso do caipira é relevante

demonstrar que sua "diferença" social, geralmente demonstrada pela linguagem que usa (padrão/não padrão), é superada pela sua esperteza, sua sabedoria.

Esses textos são ótimos para trabalhar em sala de aula, pois os alunos aprendem de forma divertida e diferente.

7 Texto publicitário

O texto publicitário é construído em função do ouvinte ou do leitor, e informam sobre algo que se vende com a intenção de criar no receptor o desejo, a necessidade de comprar. Para que a propaganda possa melhor persuadir o público, ela é geralmente formada por um texto cuidadosamente selecionado em seus componentes lingüísticos e, na maioria das vezes, em seus componentes visuais. Palavra e imagem são fundamentais para a prática persuasiva desse tipo de texto em que até o verbal se faz imagem. Os atos discursivos procuram não só informar, como também modificar comportamentos. O sujeito comunicante constrói assim sua mensagem através de "estratégias" discursivas, o que equivale dizer, baseando-se em Charaudeau (1983), que comunicar é usar estratégias e interpretar é saber reconhecê-las. Dessa forma, além de uma competência lingüística, o sujeito interpretante deve possuir uma competência semântico-discursiva que lhe permite depreender o sentido que emana de fatores lingüísticos e extra lingüísticos.

O texto publicitário pode se apresentar como anúncio que aparece em jornais, revistas,

cartazes, folhetos, outdoors, etc., de forma narrativa, argumentativa, descritiva ou conversacional, através de imagens apenas ou não, o que, no primeiro caso, amplia o sentido do texto.

Exemplo de texto publicitário: propaganda publicada no jornal Zero Hora em março de 2006.

Sabia que nós ajudamos você a trocar as fraldas do seu bebê?

A troca das fraldas sempre foi uma grande tarefa para os pais. Agora, com a Braskem, a troca das fraldas do seu bebê é mais fácil e mais divertida. Por isso, a Braskem desenvolveu uma nova geração de fraldas com tecnologia que é única no mercado. As fraldas Braskem são mais macias e mais confortáveis para o bebê. Elas são absorventes e mantêm o bebê seco e confortável. Além disso, elas são mais fortes e mais resistentes. Por isso, a Braskem garante que você não terá mais problemas com as fraldas do seu bebê.

Braskem
Perspectiva Brasileira de Classe Mundial

Você Sabia?

Dicas para melhorar suas aulas:

- Use jogos educativos nas suas aulas.
 - Desenvolva atividades lúdicas com seus alunos.
 - Procure introduzir cada novo conteúdo de forma diferente.
 - Mude a disposição das cadeiras e mesas na sala de aula.
 - Faça os alunos participarem das aulas.
 - Troque de ambiente e dê aula no pátio da escola, por exemplo.
 - Explore cartazes, vídeos, filmes.
 - Traga jornais e revistas para a sala de aula.
 - Aproveite todo o ambiente escolar.
 - Crie aulas diferentes e divertidas.
 - Elabore situações problemas para os seus alunos resolverem.
 - Busque auxílio nos meios de comunicação.
 - Troque experiências com os colegas.
 - Valorize as opiniões de seus alunos.
 - Peça sugestões aos seus alunos quando for preparar suas aulas.
 - Faça trabalhos em pequenos grupos ou grupos sucessivos.
 - Solicite uma avaliação das suas aulas aos seus alunos.
 - Incentive e estimule a aprendizagem dos seus alunos.
 - Deixe transparecer que você acredita e valoriza o seu trabalho.
- www.profissaomestre.com.br



Atividade B.2

Questões para você responder acerca dessa publicidade (lembre-se de que esse é um exemplo que você pode utilizar em sala de aula):

1. Qual é a estratégia discursiva usada para chamar a atenção do leitor nessa propaganda?
2. Quais são os dois sentidos da pergunta "Sabia que nós ajudamos você a trocar as fraldas do seu bebê?"
3. Em que passagem do texto você compreende a "troca" no sentido que o autor quer colocar?
4. Qual a contribuição que a figura do bebê traz à mensagem?

Disponibilize suas respostas no ambiente virtual, conforme orientações recebidas do professor.



Atividade Final

Considerando os alunos com necessidades educacionais especiais, como você elaboraria atividades que possam ser usadas como exercício em sala de aula, envolvendo cada um dos tipos de textos estudados. Disponibilize no ambiente virtual de acordo com orientações do professor da disciplina.

UNIDADE

C

A PRÁTICA DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Objetivos da Unidade

- Oferecer subsídios teóricos e práticos para que se possa realizar uma análise lingüística, adequada à realidade dos alunos;
- re-conhecer a estrutura do texto, considerando aspectos morfo-sintáticos e de fonética e fonologia.

Introdução

A prática da análise lingüística é uma das atividades mais presentes na sala de aula de língua Portuguesa, isto porque toda e qualquer análise realizada, passa por um dos itens que a compõem, ou seja, a estrutura textual, morfo-sintaxe e fonética e fonologia. É claro, que cada análise deve ser realizada levando-se em conta o nível de aprendizagem e aprofundamento que se queira proporcionar ao aluno.

Portanto, nessa unidade, será estudada a

prática da análise lingüística, considerando as partes que compõem a estrutura de um texto, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão; aspectos morfo-sintáticos, que visa o ensino e desenvolvimento, no aluno, das habilidades de compreensão, reflexão e construção, e não o estabelecimento de barreiras para seu desenvolvimento intelectual; e fonética e fonologia, as quais estudam o mesmo objeto: a fala humana.

1 A estrutura do texto

O texto é composto basicamente de três partes: Introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução deve conter a idéia principal a ser desenvolvida, é a abertura do texto, por isso, considerada fundamental. Deve ser clara e chamar a atenção para dois itens básicos: os objetivos do texto e o plano de desenvolvimento. Contém a proposição do tema, seus limites, o ângulo de análise e a hipótese ou a tese a ser defendida.

Introdução

A introdução deve apresentar a idéia principal a ser desenvolvida, é a abertura do texto, por isso, considerada importante. Deve ser clara e chamar a atenção para dois itens básicos: os objetivos do texto e o plano de desenvolvimento. Deverá apresentar o tema, seus limites, o ângulo de análise e a hipótese ou a tese a ser defendida. Atua como o roteiro do texto, com recursos que despertem a sua atenção.

Desenvolvimento

Esta parte do texto desenvolve idéias, conceitos e argumentos oriundos na introdução, e devem ser apresentados de forma organizada. A exposição de elementos é que vai dar base à idéia do texto e pode vir especificada através dos pormenores, da ilustração, da causa e da consequência, das definições, dos dados estatísticos, da cronologia, da interrogação e da citação. No desenvolvimento, é onde se discutem os argumentos que constituem a tese a ser defendida. Recomenda-se que cada um

deles deve ser discutido em um parágrafo, apenas em um, que deve ter introdução, e desenvolvimento.

Serafini (1998) apresenta as principais características que devem estar presentes no desenvolvimento de um parágrafo: a afirmação, que apresenta a idéia principal do parágrafo; que contém os dados que apóiam a afirmação e a garantia, que constitui a ligação entre a afirmação e mostra a importância da informação para apoiar a asserção. A autora dá o seguinte exemplo: "Totó certamente pensa que estamos loucos porque paramos o carro em pleno campo. Corre e late agitadamente como se perguntasse se há algo errado"(SERAFINI, 1998, p. 57) .

Analisando este parágrafo, o modelo citado, tem-se:

Afirmação: Totó pensa que estamos loucos.

Informação: corre e late agitadamente.

Garantia: como se perguntasse se há algo de errado.

Deve-se levar em conta a importância da garantia para convencer o leitor sobre a afirmação, e persuadi-lo da veracidade da tese e relacionar as idéias de forma que o leitor não se perca no desenvolver da sua historia.

A ligação entre os parágrafos do desenvolvimento também deve ser considerada, a fim de que não transformem o texto em uma seqüência de parágrafos desconexos. Deve haver uma seqüência, onde um parágrafo antecipa o que será dito no próximo parágrafo ou o resumo do que foi dito no parágrafo anterior, preparando ou retomando, acrescen-

tando aquilo que já foi dito, o que se vai dizer. Para que o aluno seja capaz de fazer este elo de ligação entre um parágrafo e outro, são necessários conhecimentos lingüísticos que marcam, que estabelecem as relações de sentido no texto.

Serafini (1998) apresenta uma relação de ligações lógicas e suas expressões de transição:

- Conseqüência, causa e efeito: portanto, então, por isso, desse modo, etc.
- Exemplificação: por exemplo, isto é, como, etc.
- Contraste e concessão: mas, porém,

entretanto, todavia, ao contrário, ao invés de, ainda que, por outro lado, etc.

- Reafirmação ou resumo: em outras palavras, em resumo, de fato, etc.

- Ligação espacial: ao lado, sobre, sob à esquerda, no meio, no fundo, etc.

- Semelhança e ênfase: do esmo modo, igualmente, dessa forma, etc.

- Adição: e, depois, além disso, também em adição, etc.

- Conclusão: portanto, assim enfim, em resumo, concluindo, etc.



Figura C.1: Os conectivos

Conclusão

Na conclusão retoma-se a idéia principal, que deve aparecer de forma convincente, uma vez que já foi fundamental durante o desenvolvimento do texto. De modo sintético, concluí-se o objetivo proposto na introdução, a

confirmação da hipótese ou da tese, acrescida da argumentação básica empregada no desenvolvimento. E um resumo do que foi dito no desenvolvimento e expondo uma avaliação final sobre o assunto discursivo.



SUPER OFERTAS

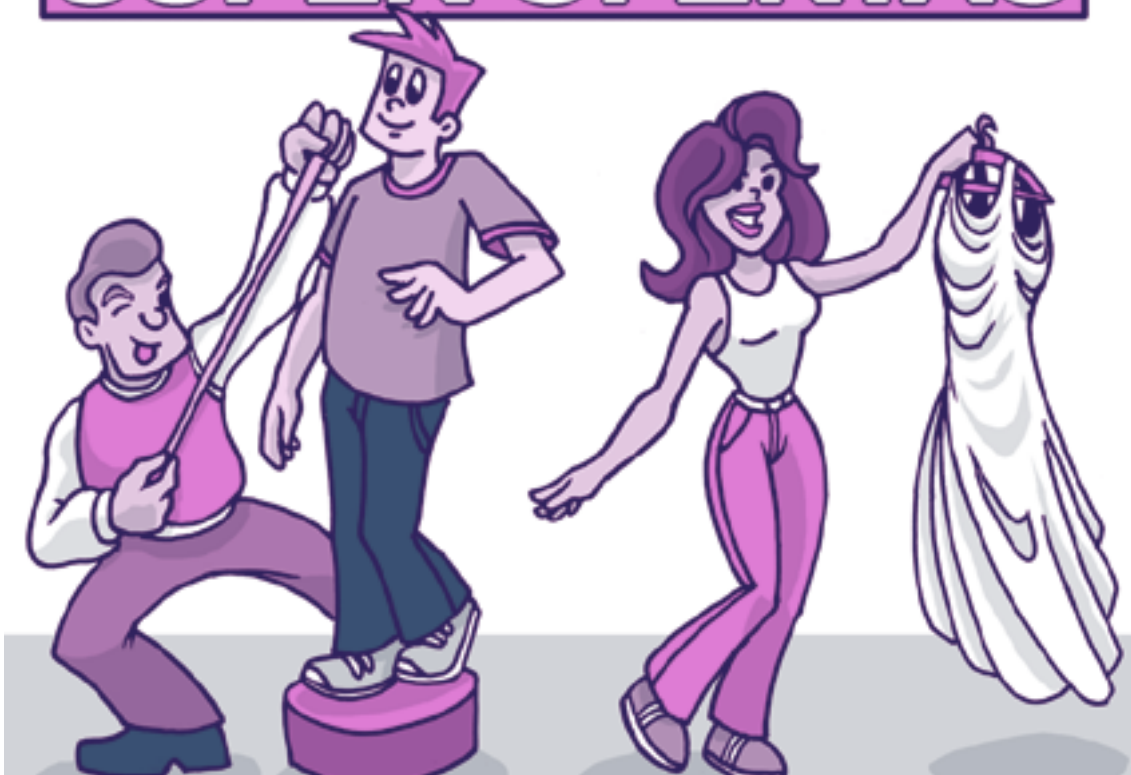


Figura C.2: Introdução, Desenvolvimento



Figura C.3: Conclusão

Sugestões de atividades com textos dissertativos

As sugestões de atividades práticas aqui apresentadas podem ser tomadas como roteiro, constituindo um subsídio para o professor.

Leitura

Ao apresentar a leitura de textos dissertativos que servem como suporte para a produção textual, seguem-se alguns passos que servirão como sugestões para a realização da produção escrita:

1. Leitura compreensiva - que visa à

apreensão do texto em sua globalidade;

2. Leitura interpretativa - que visa à descontextualização e recontextualização, desenvolvendo:

2.1. Relações textuais

2.1.1. levantamento das idéias e argumentos que o autor utiliza para defender sua posição;

2.1.2. levantamento dos operadores lingüísticos da argumentação (nexos lingüísticos, tempos e modos verbais, pronomes, advérbios,...) seleção vocabular, expressões lexicais, repetições ou supressões, com vistas a perceber a construção do texto, por meio das seqüências que o estruturam.

2.1.3. explicitação dos implícitos no texto - levantamento dos subentendidos, pressupostos e inferências.

2.2. Relações contextuais- determinação da situação de produção e da situação sócio-política-econômica, do contexto histórico-cultural e suas relações com o texto.

2.3. Relações intertextuais- relações estabelecidas com outros textos e propiciadas pelo contexto.

3. Leitura crítica - Visa em um processo de síntese, estabelecer conclusões acerca da intencionalidade do texto. Isto permite ao leitor posicionar-se criticamente, tornando-o capaz de concordar, discordar, apresentar sugestões, completando seu ciclo de leitura.

Os passos apresentados podem ser melhor visualizados por meio da figura a seguir:

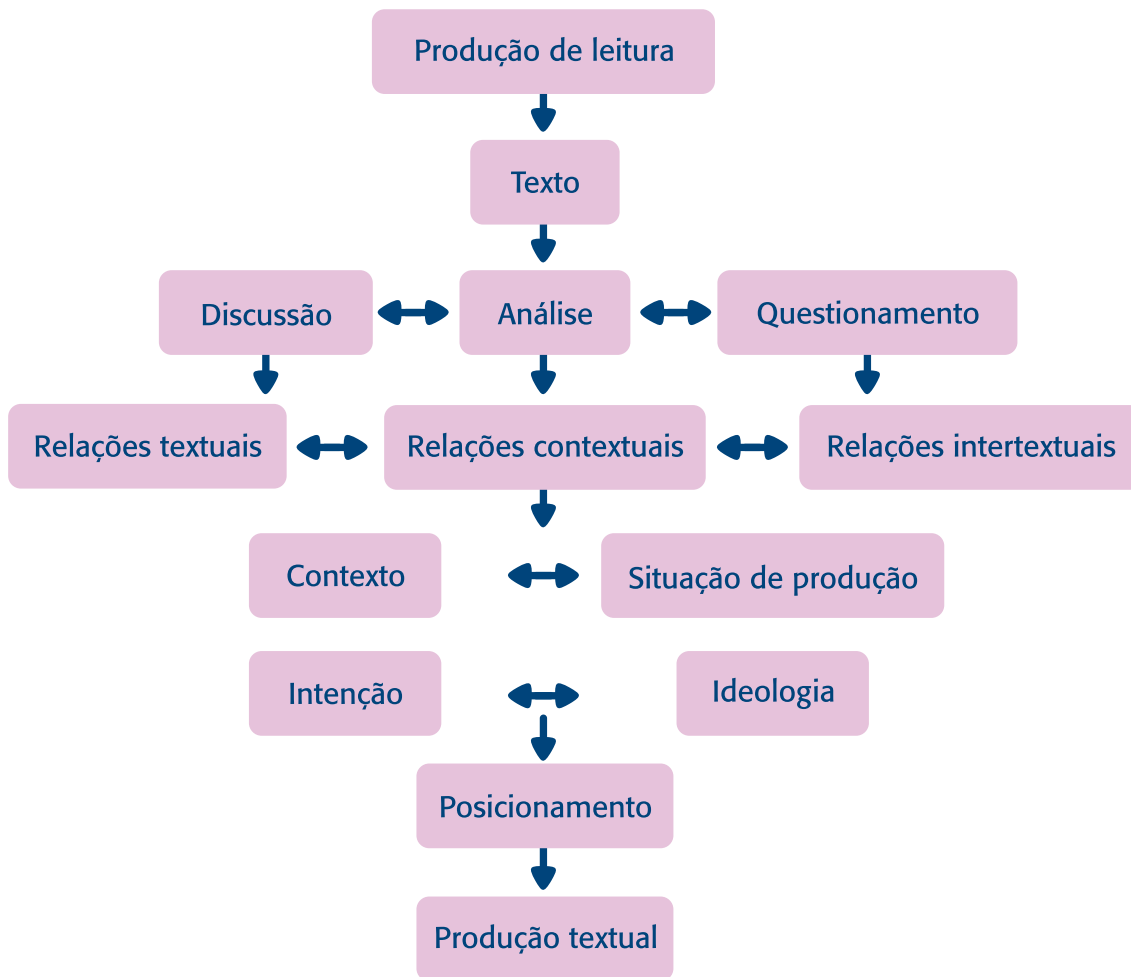


Figura C.4: Caminho metodológico - AHLERT (2000, p.29)

Sugestões de atividades de produção:

1- Delimitação do tema, a partir dos diferentes assuntos que foram objetos de produção de leitura e que concorreram para a constituição do referencial de idéias;

2- Definição do posicionamento do aluno frente ao tema;

3- Levantamento e seleção de idéias e argumentos pertinentes para sustentá-los

4- Organização dessas idéias em um esquema, que se constitui no plano de texto a ser produzido;

5- Contextualização, que é a fase de produção do texto, vista sob o enfoque da forma (precisão e adequação vocabular, seleção de operadores lingüísticos de argumentação, estruturação frasal, clareza, correção e concisão) e do conteúdo (discursivo, análise, questionamento de idéias e postura crítica).

6- Análise da produção textual, testando a organização de idéias, a coerência dos argumentos e a coesão dos recursos formais utilizados.

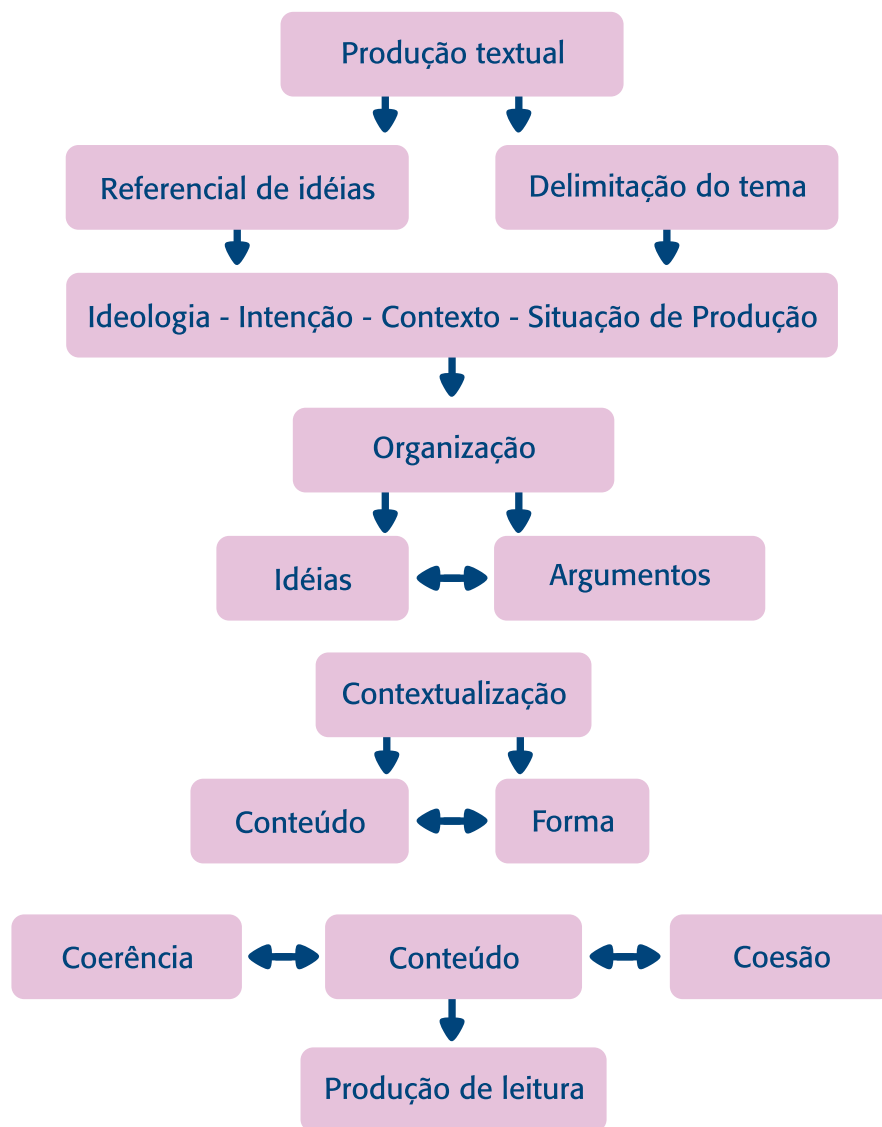


Figura C.5: Caminho metodológico 2 - AHLERT (2000, p .32)

2 Morfo-sintaxe

Desde o início da década de 80, quando foi de fato constatada a falência do sistema de ensino de Língua Portuguesa na escola, o qual visava primordialmente ao ensino da Gramática como um fim em si mesmo, tem-se buscado outras maneiras de formulação do conteúdo programático dessa disciplina nas escolas de ensino Fundamental e Médio.

A não funcionalidade do método tradicional de ensino, no qual o professor de Língua Portuguesa colocava-se como aquele que dominava o conhecimento acerca do uso da língua, revelou a necessidade da busca de novas perspectivas pedagógicas. Isso porque a forma como se vinha ensinando foi, em grande parte, responsável pelo surgimento da aversão, por parte do aluno, não só ao estudo e à leitura, mas também à própria Língua Portuguesa. Isso também contribuiu para a ineficiência do ensino como um todo, pois as habilidades de leitura e de escrita são pressupostos básicos para o desenvolvimento da reflexão nas demais disciplinas curriculares.

Há também que se considerar o preconceito lingüístico, que fez com que dialetos de menos prestígio fossem tratados como "errados", e o fato de desconsiderar a bagagem não só lingüística como cultural do aluno, promoveu uma ruptura entre a escola e a realidade.

Baseado nisso, essa parte da Unidade III tem como objetivo apontar meios de ensinar a estrutura morfossintática da Língua Portuguesa. Esse ensino visa ao desenvolvimento, no aluno, das habilidades de compreensão, reflexão e construção, e não a estabelecer barreiras para

o desenvolvimento intelectual deles.

Aspectos gramaticais

De acordo com os PCNs (1999, p. 61), "é no interior da situação de produção de texto, enquanto o escritor monitora a própria escrita para assegurar sua adequação, coerência, coesão e correção, que ganham utilidade os conhecimentos sobre os aspectos gramaticais." Isso significa dizer que a gramática só tem uma função quando utilizada dentro de textos e da escrita do aluno. Então por que se ensina separado? Com base naquela informação, buscando resposta para essa pergunta e crendo que o fato de que saber classes gramaticais e análise sintática, não significa ser capaz de construir bons textos, propõe-se um novo modelo de aprendizagem.

Nesse novo modelo, as terminologias são menos cobradas no primeiro ciclo escolar. Elas são deixadas para o momento em que a criança já está com um poder de abstração maior. Dessa forma, procura-se ensinar o aluno a utilizar os conhecimentos que possui, pois são fontes de conteúdos a serem trabalhados para ampliar o nível intelectual da criança. Assim, o trabalho com a gramática propriamente dita, em termos morfológicos e sintáticos será abordado no momento em que o professor julgar necessário e poderá ser elaborado a partir das produções escritas dos alunos. O critério de importância dos aspectos identificados como problemáticos - que precisam, portanto, ser ensinados em primeira mão - deve ser composto pela combinação de dois fatores: por um lado, o que

A **morfologia** é a parte da gramática que estuda a palavra, quanto a sua estrutura e formação, suas flexões e sua classificação. Sintaxe se ocupa do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças.

pode contribuir para maior adequação e legibilidade dos textos e, por outro, a capacidade dos alunos em cada momento.

Para isso, é muito importante que o professor realmente conheça o nível intelectual de seus alunos, pois é a partir desse nível que ele vai determinar os conteúdos que devem ser trabalhados. Também é imprescindível que você professor tenha conhecimento vasto daquilo que está ensinando, pois, dessa forma, poderá utilizar vários meios de transmitir esse

conhecimento. Em todos os tipos de texto, você poderá ensinar as questões morfo-sintáticas. O grande desafio é que você tenha criatividade e conhecimento teórico para tal. O professor deve conhecer/saber a gramática da Língua Portuguesa, porém deve ensiná-la em doses homeopáticas, e ninguém melhor do que você saberá o momento certo de aplicá-las. Lembre-se de que seus alunos serão o reflexo daquilo que você é.



Figura C.6: Diferenças lingüísticas regionais

Em relação à terminologia característica dos termos gramaticais, é preciso considerar que, embora seja necessária em momentos de análise lingüística, não se deve sobrecarregar os alunos com um palavreado sem função que tradicionalmente tem sido ensinado, pois para as crianças não há um fundamento lógico em saber qual é o sujeito ou objeto numa oração.

Para saber o que deve ou não ser ensinado, de acordo com o PCN (1999), o professor deverá ficar atento e abordar apenas os termos que tenham realmente utilidade, a fim de trabalhar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua, excluindo-se tudo o que for desnecessário, pois costuma apenas confundir os alunos.



Breve bibliografia para melhorar seus conhecimentos em morfologia e sintaxe: CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na Escola**. São Paulo: Contexto, 1991. BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1980. LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

Por exemplo, torna-se necessário saber, nas séries iniciais, o que é "proparoxítona", no fim de um processo em que os alunos, sob orientação do professor, analisam e estabelecem regularidades na acentuação de palavras e chegam à regra de que são sempre acentuadas as palavras em que a sílaba tônica é a antepenúltima. Também é possível ensinar concordância sem necessariamente falar em sujeito ou em verbo. (FONTE: Parâmetros Curriculares Nacionais, 1999, p.61).

Entretanto, você deve tomar cuidado para não generalizar ou confundir essa orientação. Ninguém está dizendo que NÃO é para ensinar fonética, morfologia ou sintaxe, mas apenas que elas precisam ser apresentadas à medida que se tornarem necessárias para a reflexão sobre a língua e, para isso, somente o professor saberá o momento certo.

Em síntese: o professor precisa partir do que os alunos já sabem acerca do que ele pretende ensinar para sanar as dificuldades apresentadas e melhorar, dessa forma, a capacidade de uso da língua. Com isso, as crianças irão se aprimorando progressivamente e estarão, em determinado ponto, aptas a tomar conta de sua linguagem, fazendo a si mesmas as correções necessárias.

Na sala de aula

O trabalho em sala de aula deve ser organizado de modo a garantir, segundo o PCN (1999, p.69), progressivamente, que os alunos sejam capazes de compreender o sentido nas mensagens, sabendo atribuir significado e identificando elementos relevantes segundo os propósitos e intenções do autor; lendo textos dos gêneros previstos para esse período educacional, combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação; utilizando a linguagem oral eficientemente, sabendo adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram conversar num grupo, expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos e defender temas estudados; participando de diferentes situações de comunicação oral, acolhendo e considerando as opiniões alheias e respeitando os diferentes modos de falar; ainda produzindo textos escritos coesos e coerentes, considerando o leitor e o objeto da mensagem, começando a identificar o gênero e o suporte que melhor atendem à intenção comunicativa; escrevendo textos dos gêneros previstos para o ciclo, utilizando a escrita alfabética e preocupando-se com a forma ortográfica; considerando a necessidade das várias versões que a produção do texto escrito requer e empenhando-se em produzi-las com ajuda do professor.

Lembre-se que você pode/deve trabalhar a partir de textos dos alunos e de outros gêneros que abordaremos mais adiante. Lembre-se também de que não precisa ficar limitado em levar textos de cartilha aos seus alunos. Eles precisam conhecer e começar a encarar

desafios intelectuais. Não os considere incapazes de compreender, mas crianças que estão em processo de construção de conhecimento e precisam, para isso, entrar em contato com os mais diversos tipos de texto. O professor precisa lê-los demonstrando entonação e ajudá-los a compreender nesse primeiro momento, apontando regras básicas para a formação das palavras, frases, orações, períodos. Entretanto, chegará o tempo em que eles farão a leitura do próprio ponto de vista e reconhecerão as normas que regem a Língua. Nunca se esqueça de que você está ensinado a aprender e aprendendo a ensinar (em todos os momentos).

Para cumprir a tarefa de forma a alcançar esses objetivos, você poderá usar gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita, alguns dos quais são apontados abaixo:

- receitas, instruções de uso, listas - esse tipo de texto chama-se texto instrucional e é chamado assim porque dá instruções passo a passo para executar uma tarefa. É excelente para trabalhar verbos no imperativo e ensinar a criança a ordenar idéias;

- textos impressos em embalagens, rótulos, calendários;

- cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem, etc.) - é o tipo de trabalho indicado para desenvolver a argumentação, descrição, narração, além do que favorece a interação. É a partir desses textos que o professor irá, depois de perceber as dificuldades da criança, ensinar questões gramaticais;

- quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, lides, notícias, classificados, etc.; - são textos humorísticos e de busca de informação que podem ser utilizados para ensinar a consultar fontes de diferentes tipos (jornais, revistas);

- anúncios, slogans, cartazes, folhetos - são textos publicitários que fazem parte do dia-a-dia da criança e como tais buscam persuadir o leitor. Textos publicitários são ótimas fontes para desenvolver a leitura crítica;

- canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas - são textos que divertem enquanto ensinam. O professor precisa estar atento e promover momentos de descontração dentro de sua aula, almejando com isso um melhor aprendizado para seus alunos;

- contos (de fadas, de assombração, etc.), mitos e lendas populares, folhetos de cordel, fábulas - são textos literários que estimulam o gosto pela leitura e imprescindíveis dentro da organização do professor. Eles ampliam a visão do mundo e inserem o leitor na cultura letrada, estimulando o desejo de outras leituras e possibilitando a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; nesse tópico é possível também apontar os textos teatrais que estimulam a criatividade, proporcionam momentos de descontração e colaboram para desinibir o aluno.

- relatos históricos, textos de enciclopédia, verbetes de dicionário, textos expositivos de diferentes fontes (fascículos, revistas, livros de consulta, didáticos, etc.) - também de extrema importância, pois levam a criança ao mundo da objetividade. Ao mundo da informação.



Figura C.7: Diferentes generos

Para exemplificar e propor algumas atividades, estão os textos abaixo.

A função da arte

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos... E foi tanta a imensidão do mar, e tanto

fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

Me ajuda a olhar!

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, L&PM, 2000.

O Menino das meias vermelhas

Todos os dias ele ia para o colégio com meias vermelhas. Era um garoto triste, procurava estudar muito, mas na hora do recreio ficava afastado dos colegas, como se estivesse procurando alguma coisa.

Os outros guris zombavam dele, implicavam com as meias vermelhas que ele usava. Um dia, perguntaram por que o menino das meias vermelhas só usava meias vermelhas.

Ele contou com simplicidade: "No ano passado, quando fiz aniversário, minha mãe me levou ao circo. Botou em mim essas meias vermelhas. Eu reclamei, comecei a chorar, disse que todo mundo ia zombar de mim por causa das meias vermelhas. Mas ela disse que se me perdesse, bastaria olhar para o chão e quando visse um menino de meias vermelhas saberia que o filho era dela."

Os garotos retrucaram: "Você não está num circo! Por que não tira essas meias vermelhas e joga fora?" Mas o menino das meias vermelhas explicou: "É que a minha mãe abandonou a nossa casa e foi embora. Por isso eu continuo usando essas meias vermelhas. Quando ela passar por mim vai me encontrar e me levará com ela."

Carlos Heitor Cony

Texto disponível em: http://lci.upf.tche.br/~46027/menino_das_meias_vermelhas.htm

Acesso em 24/01/06

O texto de Galeano é, embora pequeno, bastante rico em conteúdo. Dentre as possibilidades de leitura que você pode encontrar, pode-se assinalar o ponto de vista da criança comparado ao ponto de vista de um adulto em relação ao mundo. A partir desse texto é possível levantar uma discussão em torno desse tópico, fazendo com que as crianças tragam exemplos pessoais.

O menino das meias vermelhas traz uma outra abordagem. Pode-se, dentre outras leituras que você pode imaginar, trabalhar a questão familiar, o abandono e ainda fazer uma

relação entre os dois textos. Em ambos, é perfeitamente possível trabalhar a morfo-sintaxe, veja:

- É possível fazer com que a criança descubra e construa seu próprio vocabulário utilizando dicionário ou outras fontes escritas que resolvam dúvidas ortográficas.

- Poderá ser feita também, em termos gramaticais, a divisão do texto em frases por meio de recursos do sistema de pontuação: maiúscula inicial e ponto final (exclamação, interrogação e reticências); e reunião das frases em parágrafos;

- Ainda, o professor poderá, dependendo do nível de conhecimento dos alunos, separar os períodos, as orações e trabalhar os termos essenciais, integrantes e acessórios destas; a colocação pronominal, etc;

- Há como trabalhar a morfologia no texto explicando a diferença na classificação dos nomes (concretos/abstratos, simples/compostos), gênero, grau, etc., os verbos (modo, tempo), preposições, artigos e assim por diante;



Na morfologia, as palavras são agrupadas em classes que são chamadas classe de palavras ou classes gramaticais. São dez as classes gramaticais: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição.



Para melhorar seus conhecimentos em sintaxe, consulte: SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1999.

Termos essenciais da oração - Sujeito e Predicado

Termos integrantes da oração - Complementos verbais

Complemento Nominal

Agente da passiva

Termos acessórios da oração - Adjunto adnominal

Adjunto adverbial

Apосто

Vocativo

- Pode-se ainda ensinar a diferença, no texto, entre discurso direto e indireto e entre os turnos do diálogo, utilizando travessão e dois pontos, ou aspas.

- O professor poderá sugerir ao aluno que construa um texto maior compondo os diálogos entre os personagens. A partir da produção do aluno, serão identificadas as carências gramaticais, que poderão ser sanadas pelo professor.

3 Fonética e Fonologia

Fonética: "ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana."

A fonética e a fonologia têm o mesmo objeto de estudo: a fala humana. Embora muitos autores tratem Fonética e Fonologia como áreas de estudos distintas, não é fácil traçar a linha divisória que separa essas duas áreas do conhecimento. Em virtude disso, em nosso trabalho vamos considerar Fonética e Fonologia como uma área única, preservando o nome Fonética por ser mais disseminado entre os estudiosos da área.

Esse estudo não se aprofundará sobre as pesquisas de fonética e fonologia, pois o objetivo deste não é formar profissionais da língua, mas conhecedores da Língua Portuguesa a fim de que seja estabelecida a metodologia do ensino desta. Entende-se que é necessário primeiro conhecer aquilo com que se vai trabalhar para aplicá-lo em seguida. Importa,

portanto, aqui, destacar apenas uma breve descrição de fonética e fonologia a fim de informar profissionais para o ensino de Língua Portuguesa a alunos com necessidades especiais.

Onde são produzidos os sons da fala?

Sabe-se que o corpo humano não possui um órgão que funcione especificamente para produzir os sons da fala. Também, segundo Bentes e Mussalin (2004, p.107), "os lingüístas não sabem ao certo onde fica o centro processador da linguagem, mas, tradicionalmente, atribui-se ao cérebro ou à alma." Desse modo, constatou-se que era necessário identificar os órgãos envolvidos na produção da fala e a esse conjunto de sistemas denominou-se APARELHO FONADOR.



Figura C8: Aparelho Fonador

Os órgãos do corpo humano envolvidos na fala foram divididos em três grupos que são o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório. Assim, o aparelho Fonador pode ser identificado pelas seguintes partes:

1. pulmões, brônquios e traquéia - são órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar necessária para a fonação;

2. laringe - nela se localizam as cordas vocais, responsáveis pela energia sonora utilizada na fala;

3. cavidades supralaríngeas - nessa cavidade encontram-se a faringe, a boca e as fossas nasais. Elas funcionam como uma espécie de caixa de ressonância que juntamente com a língua compõem o aparelho fonador.

Funcionamento do Aparelho Fonador

A seguir, uma rápida descrição do funcionamento do Aparelho Fonador: o ar expelido pelos pulmões invade a traquéia e chega à laringe onde encontra o primeiro obstáculo ao atravessar a glote, pois o fluxo de ar pode encontrá-la aberta ou fechada. Se fechada, o ar força a passagem através das cordas vocais esticadas. Estas vibram, produzindo o som. Se aberta a glote, as cordas vocais estarão relaxadas e não haverá vibração na laringe. Essa articulação é denominada surda. (/b/ sonoro /p/ surdo). Depois de passar pela laringe, o ar pode sair pelo canal bucal (que vai produzir os sons orais) ou pelo canal nasal (sons nasais).

Classificação dos sons lingüísticos

Os sons lingüísticos classificam-se em vogais, consoantes e semivogais. As vogais diferenciam-se das consoantes do ponto de vista

articulatório pela posição das cavidades supralaríngeas. As primeiras, não encontram obstrução na cavidade bucal, o que acontece com as consoantes. Isso significa dizer que para pronunciar uma vogal os lábios não se fecham, exatamente o oposto do que acontece com as consoantes.

Ainda, no que se refere à classificação, quanto à função silábica pode-se observar que, em Língua Portuguesa as vogais são sempre o centro da sílaba, enquanto que as consoantes são periféricas e só aparecem na sílaba junto a uma vogal. Há ainda as semivogais que se situam entre as vogais e as consoantes. As semivogais são o /i/ e o /u/ quando formam sílaba com uma vogal, por exemplo, viu, rua, rei, vário.

Encontros Vocálicos

Ditongos

É o encontro de vogal + semivogal, ou de semivogal + vogal na mesma sílaba. Podem ser crescentes ou decrescentes / orais ou nasais. São decrescentes quando a vogal vem em primeiro lugar, por exemplo, pai, céu, vai. São crescentes quando a semivogal antecede a vogal: séria, viela, rédea. Os ditongos são orais quando o som ressoa na boca: sei, herói, viu, meu, e nasais quando o ar sai pelas fossas nasais: mãe, cãibra, bem, orações.

Tritongos

É o encontro de uma semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba. Também classificam-se em orais - Uruguai, enxáguei - e nasais - saguão, enxáguam.

Glote: abertura em forma de pequena língua, existente na laringe, entre as bordas livres das cordas vocais inferiores. HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio Dicionário da Língua Portuguesa** Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Hiatos

É o encontro de duas vogais que ficam em sílabas diferentes: aí, baú, raiz.

Encontros Consonantais

É o agrupamento de consoantes na mesma sílaba: bloco, cravo, sopro, gnomo.

Dígrafos

São grupos de letras que representam apenas um som. Os dígrafos são: ch, lh, rr, ss, gu e qu (antes de e e i), sc, sc, xc (florescer, desça, exceder), am, na, em, em, im, in, om, on, um, um (tampa, lindo, tonto). Observe que esses dígrafos servem para representar as vogais nasais.

Sílaba

São os segmentos fônicos em que são divididas as palavras. Para cada sílaba existirá uma vogal. Caso existam duas vogais há a necessidade de separá-las, ocasionando assim o hiato, que já estudamos.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Monossílabas: quando formada de uma única sílaba (pé, mão, eu).

Dissílabas: quando formada de duas sílabas (o-lho, liv-ro, na-da).

Trissílabas: quando formada de três sílabas (cri-an-ça, a-ber-to).

Polissílabas: quando constituída de três ou mais sílabas (u-ni-ver-si-tá-rio, bor-bo-le-ta).

Classificação das palavras**quanto ao acento tônico**

As palavras com mais de uma sílaba, conforme a tonicidade, classificam-se em:

Oxítonas: quando a sílaba tônica é a última - coração, São Tomé, etc.

Paroxítonas: quando a sílaba tônica é a penúltima - cadeira, linha, régua, etc.

Proparoxítonas: quando a sílaba tônica é a antepenúltima - ibérica, América, etc.

Os monossílabos podem ser tônicos ou átonos:

Tônicos: são autônomos, emitidos fortemente, como se fossem sílabas tônicas. Ex.: ré, teu, lá, etc.

Átonos: apóiam-se em outras palavras, pois não são autônomos, são emitidos fracamente, como se fossem sílabas átonas. São palavras sem sentido quando estão isoladas: artigos, pronomes oblíquos, preposições, junções de preposições e artigos, conjunções, pronome relativo que. Ex.: o, lhe, nem, etc.



Na página da SEESP/MEC você encontra a publicação: Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, caminhos para a prática pedagógica. Nessa obra, as autoras apresentam contribuições para a formação do professor no ensino de português para alunos surdos.

**Atividade Final**

A partir dos textos disponibilizados no ambiente virtual, verifique o objetivo e como você poderá propor aos alunos com necessidades especiais, a análise lingüística, considerando aspectos de estrutura textual, morfo-sintaxe e fonética e fonologia. As orientações para a realização dessa atividade, serão disponibilizadas pelo professor da disciplina.

Referências

Referências Bibliográficas

AHLERT, Ivane. **Produção Textual:** a entrada do texto dissertativo em sala de aula. Monografia de Especialização. Cruz Alta: Universidade de Cruz Alta, 2000.

BENTES, Anna C. e MUSSALIN, Fernanda. **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras. 2 vol. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4v.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours.** éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique) . Paris: Classiques Hachette, 1983.

CONY, Carlos Heitor. **O Menino das meias vermelhas.** Disponível on line em: http://lci.upf.tche.br/~46027/menino_das_meias_vermelhas.htm Acesso em 23/12/05.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Linhas de ação para a política nacional do livro.** Fundação Nacional do Livro. Rio de Janeiro : Edições Biblioteca Nacional, 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Porto Alegre, L&PM, 2000.

GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula:** leitura e produção. Campinas, Casvel, ASSOESTE, 1984.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio Dicionário da Língua Portuguesa** Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUES, M. E. **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REVISTA BOA IDEIA. **Como fazer vela com gelo.** Nº 452, 2005.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos.** Trad. de Maria Augusta Bastos de Mattos, 5ª. ed. São Paulo, Globo, 1998.

SUASSUNA, Livia. **A leitura extraclasse:** necessidade e possibilidades. Disponível online em: <http://www.proext.ufpe.br/cadernos/educacao/leitura.htm> Acesso em 22/10/05.

ZERO HORA. **Sabia que nós ajudamos você a trocar as fraldas do seu bebê?** Porto Alegre: 24 de março, 2006.

